

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015) PARTE
II - DEPOIS DA REVOLUÇÃO
22 e 28 de março de 2023

SHAZDEH EHTEJAB / 1974
(“Príncipe Ehtejab”)

Um filme de Bahman Farmanara

Realização: Bahman Farmanara / *Produção:* Telfilm / *Direção de Fotografia:* Nemat Haghighi / *Argumento:* Bahman Farmanara e Houshang Golshiri, baseados num romance deste último / *Música:* Ahmad Pejman / *Interpretações:* Fakhri Khoorvash (empregada), Jamshid Mashayekhi (príncipe), Vali Shirandami (empregado), Nouri Kasrai (mulher), Firuz Behjat Mohamadi, Hossein Kasbian, Mehri Mehrnia / *Cópia:* DCP, a preto e branco, falado em farsi com legendas em francês, holandês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 89 minutos / *Estreia Mundial:* 1974, Festival Internacional de Cinema de Teerão, Irão / *Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Aviso: chamamos a atenção para a existência de um longo introito musical sem qualquer imagem antes dos créditos de abertura.

Algo vai mal, mesmo muito mal no reino Cajar. A decadência do regime começa por reverberar no estado de saúde do protagonista que dá título ao filme. Rodeado por memórias – o que é o mesmo que dizer: cercado por velhas relíquias e esquecidas fotografias de família – o príncipe lida com uma dor insuportável que o projeta – a ele, a nós e ao filme – para uma sucessão de episódios da sua vida passada e ainda relativos à biografia do seu nobilíssimo pai. Nada de nobre há a mostrar, claro está: cravejadas pela doença, pela depravação e pela impotência, as analepses servem para ampliar até onde for possível a dor sentida por aquele homem nos derradeiros instantes da sua vida – o sabor a ocaso lembra Luchino Visconti, Orson Welles ou Satyajit Ray (sobretudo **Jalsaghar/O Salão de Música** [1958]). Esta adaptação ao cinema da obra de um dos mais ilustres escritores iranianos, Houshang Golshiri, por um dos mais respeitados realizadores e produtores do cinema pré-Revolução (Bahman Farmanara recebeu formação nos Estados Unidos, na University of Southern California, na companhia de colegas promissores, tais como George Lucas e John Milius), é um murro no estômago do passado histórico do Irão, contendo, claro está, um certo prognóstico sobre os destinos do país.

Podemos situar **Shazdeh Ehtejab/“Príncipe Ehtejab”** algures entre dois filmes produzidos pelo próprio Bahman Farmanara: **Gaav/“A Vaca”** (1969) de Dariush Mehrjui e **Shatranj-e baad/“Xadrez do Vento”** (1976) de Mohammad Reza Aslani. Desde logo, o prazer quase escatológico presente no retrato desta personagem caída em desgraça é tão remanescente do poderoso filme alegórico de Mehrjui quanto aparenta ser devedor de Luis Buñuel, um dos realizadores mais influentes no seio do cinema iraniano, pré-Revolução (o programador e crítico Ehsan Khoshbahkt deu nota disso mesmo aquando da sua passagem pela Cinemateca Portuguesa). Ao mesmo tempo, temos o cheiro a mofo e os jogos perversos que convertem as personagens como que em autómatos ao serviço de uma pulsão de morte que os leva tanto a devorar quanto a (desejar) ser devoradas pelo outro – algo que me remete para o luxuriante filme de Reza Aslani. É isso que acontece no leito matrimonial: um homem e uma mulher, perfeitamente conscientes das suas origens ou do seu legado, logo, cientes, até à náusea, de que

são como excrescências de uma história que já os rejeita, mas, por causa ou apesar disso, entretêm-se com um massacre privado, nunca mais do que estéril. Aliás, a impotência é tão literal quanto metafórica aqui, quer dizer, parte tanto do corpo que sofre, que só sabe falar a linguagem do ciúme ao invés da do amor, que só sabe fazer rir na impossibilidade física (outrossim moral?) de dar prazer, como advém de um certo período histórico (a iminência de uma revolução no Irão contemporâneo mas, no filme, o fim do regime despótico associado à dinastia Cajar).

Vigorar, deste modo, um prazer fétido que se prolonga mesmo para lá da morte, como vemos na sequência mais indecorosa do filme, com o príncipe recém enviuvado envolvendo-se de novo no seu jogo pueril de sedução e ciúme com a empregada, autêntica moeda de troca entre os padrões (“**Xadrez do Vento**”, em certa medida, redime esta perspectiva crítica, de classe, ao oferecer uma saída à empregada, a personagem a escapar viva do palacete onde toda a ação decorre, num *décor* dissoluto em tudo semelhante ao principal do presente filme), mas já não há ninguém para magoar ou amargurar... a matriarca acaba de sucumbir à tuberculose. Em suma, assistimos, em “**Príncipe Ehtejab**”, a uma cadeia de histórias de violência e crueldade que vão adensando a realidade destas personagens entregues, como bichos ou autómatos, a um jogo vicioso do qual – bem cientes estão disso – não poderão sair vencedoras.

Bahman Farmanara, que viria a produzir o primeiro filme realizado por Abbas Kiarostami, em vésperas da Revolução Islâmica, esteve mais de vinte anos impedido de continuar a sua carreira de cineasta, tendo assinado um filme em 2000 com o intuito de contar (parte) da sua história, obra protagonizada pelo próprio e que ganhou o título **Booye kafoor, atre yas/Smell of Camphor, Fragrance of Jasmine**. Em 2013, cometeu a ousadia de se candidatar à Presidência da República, o que foi, até ver, o seu (as)salto mais direto ao poder. É que, segundo consta nalgumas fontes *online*, corre sangue Cajar nas veias de Farmanara, mantendo este, porventura por causa disso, uma relação problemática com qualquer forma de poder. Por muito que possa haver algum aspeto intrinsecamente corruptor nas formas de poder, a situação atual do país exige que os homens e as mulheres defensores de liberdades tão fundamentais como são as de criar ou as de expressar o pensamento se cheguem à frente.

Numa carta aberta, publicada aquando da reeleição de Ahmadinejad, clamou o cineasta: “Nestes dias estamos a ser convidados a participar num Banquete do Silêncio; acredito que ao participarmos nele estamos não somente a perder a nossa própria voz para sempre como, mais importante, atrairemos vergonha eterna sobre nós mesmos ao ignorar a morte sangrenta de NEDA [Neda Salehi Agha-Soltan, manifestante assassinada nas ruas de Teerão, em Junho de 2009]. Creio no que Shakespeare diz na sua peça *Júlio César*: ‘Um covarde morre mil vezes antes de morrer. O valente nunca prova a morte senão uma vez’. É na esperança de liberdade e justiça social para todos os iranianos que dou este perigoso passo”. Pondo de outra maneira: se queres ser valente em tempos tão difíceis, sê implacável com os implacáveis. Foi o que Farmanara fez logo na sua primeira longa-metragem de ficção. Um notável pedaço de cinema da crueldade para tempos urgentemente políticos. E o que era urgência em 1974 não o será menos hoje em dia.

Luís Mendonça